

Pesquisa em Media e Jornalismo - Homenagem a Nelson Traquina

Isabel Ferin Cunha, Ana Cabrera, Jorge Pedro Sousa (Orgs.),
Carla Martins, Carlos Camponez, Cristina Ponte, Estrela Serrano, Francisco
Rui Cádima, Helena Lima, João Carlos Correia, João Pissarra Esteves, Maria João
Silveirinha, Maria José Mata, Marialva Carlos Barbosa, Marisa Torres da Silva,
Rita Figueiras, Rogério Santos, Teresa Mendes Flores e Vanda Calado.

LabCom 2012

Livros LabCom

www.livroslabcom.ubi.pt

Série: Estudos em Comunicação

Direcção: António Fidalgo

Coordenação e Edição: Jorge Pedro Sousa

Design da Capa: Eduardo Zilles Borba

Paginação: Jorge Pedro Sousa e Eduardo Zilles Borba

Covilhã, Portugal, 2012.

ISBN: 978-989-654-094-4

Título: *Pesquisa em Media e Jornalismo - Homenagem a Nelson Traquina*

Copyright © Isabel Ferin Cunha, Ana Cabrera, Jorge Pedro Sousa (Orgs.), Carla Martins, Carlos Camponez, Cristina Ponte, Estrela Serrano, Francisco Rui Cádima, Helena Lima, João Carlos Correia, João Pissarra Esteves, Maria João Silveirinha, Maria José Mata, Marialva Carlos Barbosa, Marisa Torres da Silva, Rita Figueiras, Rogério Santos, Teresa Mendes Flores e Vanda Calado.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação deve ser reproduzida, alojada em sistemas de troca de dados, ou transmitida, em qualquer formato ou por qualquer motivo, eletrónica, mecânica, fotocópia, gravação, e demais, sem a autorização dos autores.

AGRADECIMENTOS

Ao CIMJ, pelo enquadramento.
Ao LabCom da UBI, pela colaboração e pela confiança

Organização:



Apoios:



A teoria da noticiabilidade de Nelson Traquina aplicada a periódicos portugueses do século XVII – Os casos da *Gazeta* e do *Mercúrio Português*¹

Jorge Pedro Sousa² e Helena Lima³

As publicações noticiosas periódicas editadas em Portugal no século XVII – a *Gazeta* apelidada “da Restauração” e o *Mercúrio Português* – podem considerar-se antepassadas dos jornais portugueses contemporâneos. Investigações anteriores (Cunha, 1941, pp. 35-63; Dias, 2006, pp. XIX-LXXIV; Sousa, coord., et al., 2007; Dias, 2010, pp. XXIII-CLXXXIII; Sousa, coord. et al, 2011) demonstram que essas publicações, surgidas no âmbito de um intenso movimento editorial europeu (Stephens, 1988, pp. 149-151; Fang, 1997, p. 31; Braojos

¹ Pesquisa apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e com co-financiamento da União Europeia através do QREN, programa COMPETE, fundos FEDER. Projecto PTDC / CCI-JOR/110038/2009 e FCOMP-01-0124-FEDER-0114347.

² Professor catedrático de Jornalismo na Universidade Fernando Pessoa (Porto) e investigador do Centro de Investigação Media e Jornalismo (Lisboa). Doutorou-se na Universidade de Santiago de Compostela (1997), onde também desenvolveu investigação pós-doutoral (1999-2001). Agregou-se na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2008). Investiga sobre história do jornalismo, análise do discurso jornalístico e fotojornalismo.

³ Professora auxiliar da Universidade do Porto e investigadora do Centro de Investigação Media e Jornalismo (Lisboa). Mestre em História pela Universidade do Porto (1999) e Doutora em História com doutorado na mesma universidade (2008). Tem desenvolvido investigação nas áreas da história do jornalismo, novas tendências do jornalismo e ciberjornalismo.

Garrido, 1999, pp. 16-33; Guillamet, 2004, pp. 43-76), possuíam características que se podem considerar jornalísticas, como sendo a periodicidade, o carácter noticioso, a índole universal do noticiário (no sentido de ser um noticiário *generalista* capaz de interessar a uma *universalidade* de destinatários), a *actualidade* da informação disponibilizada e o facto de *publicitarem* (no sentido de *tornarem pública*) a informação (cf. Groth, 1960), bem como a existência de um título para a publicação que se mantém ao longo do tempo e lhe confere identidade (cf. Stephens, 1988, p. 150). Nessas publicações, tanto quanto nas actuais, importa aclarar quais os valores imanentes às matérias noticiosas publicadas e, em especial, quais as características que ditaram a sua *inclusão* – e não a sua *exclusão* – nos periódicos em causa. Por outras palavras, importa aclarar a sua *noticiabilidade*, objectivo do presente trabalho.

Nelson Traquina (2002, p. 276) explicita que “as notícias apresentam um ‘padrão’ geral bastante estável e previsível”, sendo a “previsibilidade do esquema geral das notícias” decorrente da “existência de critérios de noticiabilidade”. A idêntica conclusão tinha chegado Stephens (1988, pp. 33-35). Provando que os temas das notícias dos primeiros periódicos continuam, em grande medida, a ser os temas das notícias no jornalismo actual, Traquina (2002, pp. 174-176) relembra, aliás, que as notícias sobre celebridades, assassinios, catástrofes, acontecimentos insólitos, guerras e batalhas, heróis e trocas comerciais, entre outros temas, sempre tiveram lugar nos jornais, desde o século XVII. A *noticiabilidade* seria, assim, de acordo com Nelson Traquina (2002, p. 173):

(...) o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, de possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou um assunto, são susceptíveis de se tornar notícia, isto é, serem julgados como transformáveis em matéria noticiável, por isso, possuindo “valor-notícia” (...).

Baseado em Galtung e Ruge (1965), Ericson, Baranek e Chan (1987) e Wolf (1987), Nelson Traquina (2002, p. 186), lembrando Bourdieu (1997, p. 12), nota que existem dois tipos de critérios de noticiabilidade: (1) os critérios de *selecção*; e (2) os critérios de *construção*.

(...) os valores-notícia de selecção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na selecção de um acontecimento (...). Os valores-notícia de selecção estão divididos em dois subgrupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação directa do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário nessa construção. (Traquina, citando Wolf, 2002, pp. 186-187)

Segundo Traquina (2002, pp. 187-196), os valores-notícia de selecção são: morte; notoriedade; proximidade; relevância (ou impacto); novidade; factor tempo - actualidade, cabide noticioso⁴; notabilidade⁵; surpresa; conflito ou controvérsia; a infracção (de normas); e o escândalo⁶. Os valores-notícia de selecção contextual são: a disponibilidade do acontecimento, ou seja, a facilidade com que é possível fazer a sua cobertura; o equilíbrio do noticiário⁷; o potencial de cobertura em imagem (não aplicado, obviamente, ao jornalismo português do século XVII); concorrência (também não existia entre os periódicos seiscentistas portugueses); e dia noticioso⁸ (critério igualmente não aplicável ao jornalismo português do século

⁴ O tempo funciona como cabide noticioso quando é pretexto para determinadas notícias. Por exemplo, o Dia Mundial da Criança pode servir para a produção de matérias sobre crianças. Não é um critério relevante para explicar a selecção de acontecimentos noticiados nos periódicos do século XVII.

⁵ Para Traquina (2002: 190-191) existem vários registos de notabilidade: a tangibilidade (o acontecimento tem de ser tangível, razão pela qual o jornalismo é orientado para factos delimitáveis e não para problemáticas), o número de pessoas envolvidas ou afectadas, a inversão da normalidade (o homem que morde o cão), o insólito, a falha, o excesso ou escassez de acontecimentos.

⁶ Traquina (2002, p. 193) refere-se ao escândalo mediático do tipo Watergate, correspondente à actuação do jornalista como “cão-de-guarda” da democracia.

⁷ O noticiário deve ser tematicamente variado, mesmo que acontecimentos pouco importantes sobre um determinado tema possam ser seleccionados em detrimento de acontecimentos importantes de um segundo tema se existirem poucos acontecimentos do primeiro tema.

⁸ Os acontecimentos têm mais hipóteses de se tornar notícia se ocorrerem no horizonte temporal de trabalho diário dos jornalistas. No jornalismo português do século XVII,

XVII). Os valores-notícia de construção são: o potencial de amplificação do acontecimento através da notícia (hiperbolização do acontecimento e das suas consequências); a relevância, ou seja, a capacidade de se mostrar na notícia como o acontecimento é importante; o potencial de personalização da história; o potencial de dramatização da história; a consonância, isto é, a faculdade de enquadrar um acontecimento em enquadramentos previamente existentes. O mesmo autor explica, ainda, que outros factores podem influenciar o que chega a ser notícia e a forma como esta se apresenta: a política editorial; os recursos da organização noticiosa; a necessidade de produtividade; e o peso da direcção, dos proprietários e dos anunciantes (Traquina, 2002: 201-202), a que se poderia acrescentar o mercado e o público e ainda, num estado absolutista como era o estado português no século XVII, a ordem jurídica – incluindo a censura.

Neste trabalho, procurar-se-á aplicar a grelha interpretativa sobre a noticiabilidade construída por Nelson Traquina ao estudo dos periódicos noticiosos portugueses do século XVII – a *Gazeta* “da Restauração” e o *Mercúrio Português* – com o objectivo de aclarar quais os valores imanentes aos acontecimentos noticiados que contribuíram para a sua transformação em notícia. Limitou-se a análise aos “valores-notícia de selecção” identificados por Traquina e, dentro destes, aos que mais pertinentemente poderiam, à partida, contribuir para explicar a noticiabilidade nos periódicos portugueses seiscentistas, que eram, realce-se, jornais de produção algo artesanal, obras de “um homem só” (a *Gazeta* terá sido redigida por vários autores, mas possivelmente em sequência e não ao mesmo tempo), sujeitos à censura civil e eclesiástica por força da ordenação jurídica do reino (Sousa, coord. et al., 2011; Sousa e Lima, 2011).

A *Gazeta* “da Restauração” e o *Mercúrio Português*

A *Gazeta*, primeiro periódico português de que se tem conhecimento, foi publicada, comprovadamente, entre 1641 e 1647, por um conjun-

porém, os redactores de periódicos noticiosos não tinham um “horizonte diário” de trabalho, pelo que o critério não tem aplicação directa, ainda que a possa ter indirectamente, aplicado ao horizonte de noticiabilidade, limitado pelos prazos de produção e edição de cada novo número dos jornais em causa.

to sucessivo de editores e redactores, entre os quais Manuel de Galhegos, João Franco Barreto e, presumivelmente, frei Francisco Brandão (Cunha, 1941, pp. 52-58; Sousa, coord. et al., 2011, pp. 54-57). Por vezes é denominada pelo título daquele que, aparentemente, foi o seu primeiro número (*Gazeta em Que Se Relatam as Novas Todas Que Houve Nesta Corte e Que Vieram de Várias Partes no Mês de Novembro de 1641*). Acompanhou os primeiros anos de reinado de D. João IV, o restaurador da independência de Portugal (depois de 60 anos de monarquia dual com Castela), primeiro rei da Dinastia de Bragança. Embora nem sempre tenha tido uma periodicidade regular, a *Gazeta* pode considerar-se uma publicação periódica, pois foram publicados sucessivamente (pelo menos) 37 números, entre Novembro de 1641 e Setembro de 1647, possibilitando ao público o consumo cíclico de novas informações com regularidade.

Em Julho de 1642 a *Gazeta* suspendeu a publicação por força de uma lei promulgada a 19 de Agosto de 1642, que proibia as gazetas “com notícias do reino ou de fora, em razão da pouca verdade de muitas e do mau estilo de todas elas”. De qualquer maneira, a *Gazeta* retomou a publicação em Outubro de 1642, mas passou a ostentar a designação “de *Novas Fora do Reino*”, embora também tivesse publicado informações sobre Portugal (Sousa, coord. et al, 2011a).

O conteúdo da *Gazeta* – classificado por Sousa, coord. et al. (2011, pp. 316-324) – é, quase todo ele, noticioso (99% das peças), versando, principalmente, sobre temas que podem ser agrupados nas seguintes categorias: vida militar e conflitos bélicos (46%), vida social e religiosa (21%), vida política, administrativa e diplomática (20%). As restantes peças dizem respeito a questões económicas (3%), acontecimentos insólitos (2%), crimes e justiça (2%), catástrofes naturais e acidentes (1%) e outros assuntos (4%).

Após o término da publicação da *Gazeta* “da Restauração”, Portugal esteve dezasseis anos sem publicações periódicas. A situação só se inverteria com o surgimento d’*O Mercúrio Português*, em 1663, pela mão de António de Sousa de Macedo (1606-1682), diplomata afecto à causa da restauração e estadista, secretário de estado do rei. O jornal

duraria até 1667, cobrindo um período de intensa intriga palaciana⁹ e de intensificação do conflito independentista com Castela¹⁰, embora o seu fundador apenas o tenha redigido até Dezembro de 1666, ano em que foi forçado a afastar-se da corte devido a um desentendimento com a rainha (Mattos, 1944, p. 373; Cunha, 1941, p. 58; Tengarrinha, 1989, p. 41). Permanecem no anonimato o redactor, ou redactores, dos últimos sete números do *Mercúrio Português*, editados em 1667.



Figura 1: Formalmente, a *Gazeta* apresentava-se em formato de *quarto* (sensivelmente 13,5 x 19 cm). Somente o primeiro número apresentava frontispício. Os restantes não o têm, sendo a primeira página ocupada pelo título da publicação, que incluía o mês (*Gazeta do Mês de Y de 16XX*), o que acentuava a ideia de *periodicidade*; por uma

⁹ O Rei D. Afonso VI, um indivíduo impotente, mentalmente débil e de carácter violento, tinha-se emancipado como monarca na sequência de um golpe palaciano orquestrado, em 1662, pelo conde de Castelo Melhor, contra a regente, a rainha-mãe, Dona Luísa de Gusmão. As rédeas do poder régio transitaram para Castelo Melhor e os seus partidários, entre os quais António de Sousa de Macedo, redactor do *Mercúrio*. Mas o poder real era minado pelos que queriam levar à regência o príncipe D. Pedro, irmão do Rei. O *Mercúrio* pode, assim, inserir-se dentro da estratégia governamental de enaltecimento da figura do rei, de ocultação dos defeitos do monarca e de apoio à política governamental e à guerra contra Castela pela independência do reino (Sousa e Lima, 2011).

¹⁰ Duas das mais importantes – senão as mais importantes – batalhas da Guerra da Restauração ocorreram no dia 8 de Junho de 1663 (Ameixial) e no dia 17 de Junho de 1665 (Montes Claros), com vitórias portuguesas.

chamada relativa ao tema forte, a partir de 1643 (no número de Janeiro de 1645, que serve de exemplo, a chamada focalizava-se nas cerimónias de entronização de um novo Papa); e por informações. As informações sucediam-se umas às outras sem grandes preocupações com a ordem ou a hierarquia, sendo possível que fossem redigidas à medida que fossem sendo recolhidas. Toda a *Gazeta* era paginada a uma coluna, em fonte similar à Elzevir, da família romana. O número de páginas oscilou entre dez e dezoito.

Com o *Mercúrio Português*, relançou-se o periodismo em Portugal. Ao longo da sua existência saíram, com rigorosa periodicidade mensal (algo que a *Gazeta* de 1641-1647 não tinha conseguido manter), 48 números e dois suplementos (Junho de 1664 e Junho de 1665). O desaparecimento do *Mercúrio Português* levou Portugal, num quadro de intensificação do absolutismo, a ficar sem publicações periódicas consistentes até ao surgimento do jornal oficioso *Gazeta de Lisboa*, em 1715. O fim da guerra pela independência de Portugal (formalmente, no início de 1668, apesar de o conflito ter esmorecido a partir da derrota espanhola na batalha de Montes Claros, travada em 1665) também esfumou um dos pretextos da publicação do *Mercúrio*, pois este, no seu primeiro número, propunha-se, no próprio título, oferecer “as novas da guerra entre Portugal e Castela”.



Figura 2: Formalmente, o *Mercúrio* é muito semelhante aos seus antecessores. Como os demais, tinha formato de “quarto” ou *in-quarto*, sensivelmente o actual formato A5. As páginas impressas variaram entre as oito e as 32. Os primeiros três números apresentavam

frontispício, mas a partir do quarto número o frontispício só volta a ser usado em Janeiro de 1664, num número que relata uma visita real a Santarém. Neste caso, no frontispício surge, alusivamente, o escudo real português. A partir do quarto número, o *Mercúrio* passa, à semelhança da *Gazeta*, a abrir cada número com o título, no qual se incluía a alusão ao mês (por exemplo, *Mercúrio Português Com as Novas do Mês de Fevereiro do Ano de 1664*). Tal como na *Gazeta*, em certos casos, como no referido número de Janeiro de 1664, ao título sucede-se uma chamada, em jeito de “manchete”. Tal como na *Gazeta*, as matérias do *Mercúrio* sucediam-se umas às outras sem grandes preocupações com a ordem ou a hierarquia, a uma coluna, em fonte similar à Elzevir, da família romana.

Periódico noticioso criado, conforme o anúncio de intenções do frontispício do primeiro número, para anunciar “as novas da guerra entre Portugal e Castela”, o *Mercúrio* não deixou de, em sintonia com a conjuntura, destacar os acontecimentos bélicos entre os seus conteúdos – de acordo com Sousa e Lima (2011), 67% das matérias centram-se na guerra. As restantes matérias do *Mercúrio Português* repartem-se por categorias como a vida política, administrativa e diplomática (14%), a vida social e religiosa (7%), a vida económica (5%) e, residualmente, catástrofes naturais e acidentes (1%), doenças e fome (1%), crimes e justiça (2%) e acontecimentos insólitos (2%). É de destacar a crescente importância das notícias de economia no *Mercúrio*, devido, particularmente, à intensificação do comércio entre Portugal e o Brasil após a restauração da independência e aos movimentos pendulares das frotas.

Alguns critérios de selecção noticiosa na *Gazeta* e no *Mercúrio Português*

» Morte

Conforme explicita Traquina (2002, p. 187), “a morte é um valor-notícia fundamental”. E efectivamente a referência a mortes foi, na *Gazeta* e no *Mercúrio*, um critério de noticiabilidade relevante, especialmente quando cruzado – conforme também releva Traquina (2002, p. 188), com o critério da notoriedade de quem morria. Em todo o caso, as mortes, nomeadamente de pessoas de elite, eram notícia de interesse e aparecem com bastante frequência nos periódicos seiscentistas portugueses. Alguns exemplos podem ser dados:

Gazeta de Julho e Agosto de 1644

Faleceu o Papa a 29 de Julho, 21 de seu Pontificado. E em Roma há grande confusão sobre a eleição do novo Papa (...).

Mercúrio Português de Fevereiro de 1666

Recebeu Sua Majestade [a rainha D. Luísa de Gusmão] o desengano com grande ânimo (...). E (...) ela, como se estivesse só esperando a vista dos filhos, apartados eles, começou a morrer (...) e expirou às 11h30 daquela mesma noite de sábado 27 de Fevereiro de 1666 (...).

» Notoriedade dos envolvidos

Conforme coloca Traquina (2002, p. 188), “podemos dizer que todos seremos notícia pelo menos uma vez – no dia a seguir à morte, ou nas páginas interiores, ou com destaque na primeira página”. O grau de destaque “dependerá, em grande parte, da nossa notoriedade”, o que significa que “a notoriedade do agente principal do acontecimento é outro valor-notícia fundamental para os membros da comunidade jornalística” (Traquina, 2002, p. 188). Na *Gazeta* e no *Mercúrio Português*, quanto mais importante era uma pessoa, mais interessava escrever sobre o que lhe acontecia. Mortes, nascimentos, conquistas, derrotas, proezas ou até acontecimentos banais do quotidiano de determinadas personalidades enchiam as páginas dos periódicos seiscentistas portugueses, conforme ocorre nos exemplos seguintes:

Gazeta de Dezembro de 1641

Foi Sua Majestade visitar os armazéns e a armada real.

Mercúrio Português de Novembro de 1663

Em 14 [de Novembro de 1663], aportou em Lisboa o governador do Brasil, Francisco Barreto, restaurador de Pernambuco, deixando o governo ao vice-rei, conde de Óbidos.

» Proximidade

Tal como afirma Traquina (2002, p. 188), a proximidade, “sobretudo em termos geográficos, mas também em termos culturais” é outro dos

valores-notícia fundamentais para explicar por que razão determinados acontecimentos são noticiados. Um acontecimento terá mais probabilidade de se tornar notícia quanto mais próximo ocorrer. Os exemplos seguintes ajudam a demonstrá-lo:

Gazeta de Junho de 1642

Chegou a este porto [de Lisboa] uma nau de La Rochelle, em que vieram alguns portugueses de Itália e da Catalunha.

Mercúrio Português de Abril de 1665

Aos 16 [de Abril de 1665] largaram âncora do rio de Lisboa para a Índia o galeão *São Pedro de Alcântara* (...) e a nau *Nossa Senhora dos Remédios de Cassabé* (...).

» **Relevância**

A relevância “responde à preocupação de informar o público de acontecimentos importantes, porque têm impacto sobre a vida das pessoas, determinando a forma como a noticiabilidade tem a ver com a capacidade de incidência do acontecimento sobre essas pessoas, sobre as regiões, sobre os países” (Traquina, 2002, p. 189). Isto é, quanto mais impacto tiver um acontecimento, nomeadamente quantas mais pessoas envolver ou afectar, mais probabilidade terá de ser notícia. Leiam-se os seguintes exemplos:

Gazeta de Janeiro de 1642

Quase todo este mês ventou, choveu e nevou, e fez muito dano a tempestade. Caíram no bairro de São Paulo umas casas onde morreram duas pessoas. Arruinou-se o recolhimento de São Cristóvão e as órfãs mudaram-se para uma casa junto à Igreja de São Vicente. Cresceu a água da chuva de maneira que na rua dos canos se afogou um homem, e morto veio pelo cano Real sair ao Terreiro do Paço (...).

Mercúrio Português de Agosto de 1664

Domingo 17 celebrou-se em Lisboa o Auto da Fé (...) no qual, além de muitos penitentes que se reconciliaram com a Santa Madre Igreja, se executou sentença de morte em três homens e duas mulheres, havidos por obstinados.

» Novidade

As pessoas sempre tiveram particular interesse pelo que é novo, pela novidade. A novidade é uma característica essencial das notícias. “Para os jornalistas, uma questão central é, precisamente, o que há de novo (...), (...) o mundo jornalístico interessa-se muito pela primeira vez” (Traquina, 2002, p. 189). A *Gazeta* e o *Mercúrio* tinham, na sua época, esse papel, tão importante, de contar as “novas”. Veja-se:

Gazeta de Julho de 1642

Quando uns soldados nas trincheiras da vila de Penamacor descobriram uma mina, e sem saber de que metal era se mandou a esta corte a amoststrar. Fez-se o ensaio, e achou-se que era de cobre, com muito boa conta.

Mercúrio Português de Maio de 1663

A 24 deste mês de Maio, à tarde, chegou a esta corte de Lisboa a nova da entrega de Évora, e divulgando-se no dia 25, pela manhã, foi tal o fervor do povo (...) que concorreu tumultuosamente ao Terreiro do Paço (...).

» Factor tempo – a actualidade

O factor tempo, conforme argumenta Traquina (2002, p. 189), é central para o jornalismo. E pode dizer-se que se o é hoje, também o era há quase quatrocentos anos atrás. No entanto, para os homens e mulheres do século XVII, a actualidade não era vivida como o é nos dias que correm. As notícias eram veiculadas com uma frequência normalmente mensal, mas não era por isso que perdiam a sua actualidade:

Gazeta de Maio de 1642

A onze do mês se benzeram as duas fragatas que se fabricaram na Ribeira das Naus. Disse missa o Bispo Capelão mor e deu, por nome, à maior, São João Baptista e, à mais pequena, São Teodósio, em graça do nome de Sua Majestade e do Príncipe nosso senhor.

Mercúrio Português de Outubro de 1663

Aos 16, que foi terça-feira, se fez no Rossio de Lisboa (...) execução na estátua do duque de Aveiro (...).

» Notabilidade – tangibilidade

De acordo com Traquina (2002, pp. 190-191), os acontecimentos assentes em factos concretos, que possam ser narrados com base em respostas às questões “quem?”, “o quê?”, “quando?”, “onde?”, “como?” e “porquê?”, têm mais probabilidade de ser noticiados. A *Gazeta* e o *Mercúrio* apresentam vários exemplos de notícias que provam a importância deste critério:

Gazeta de Junho de 1642

Que um clérigo Irlandês convertera 50 ingleses e que depois de eles fazerem protestaçoão da fé e jurarem que reconheciam por cabeça da Igreja ao Sumo Pontífice, e queriam na real presença [de Jesus] na Eucaristia, se lhes deu passaporte para se irem livremente, e que um soldado que se achou presente os seguiu e matou a todos, dizendo que era lástima deixá-los ir a parte donde os pervertessem, e que os queria mandar a todos para o céu.

Mercúrio Português de Junho de 1663

D. João de Áustria, na maior fúria da batalha [do Ameixial] (...) fugiu para Arronches (...) com catorze ou quinze cavaleiros (...) e depois de muitos dias não pôde juntar em Badajoz (...) mais de mil e quinhentos cavaleiros e quinhentos infantas. Tudo o resto ficou morto, prisioneiro ou dissipado.

» Notabilidade – número de pessoas envolvidas ou afectadas

Um dos critérios de notabilidade dos acontecimentos identificado por Traquina (2002, p. 191) é a quantidade de pessoas que um acontecimento envolve, ou a quantidade de pessoas que um acontecimento afecta. Também esse foi um dos critérios de selecção dos acontecimentos que foram transformados em notícia na *Gazeta* e no *Mercúrio Português*, conforme se comprova nos exemplos seguintes:

Gazeta de Janeiro de 1642

Em Sevilha foi o inverno tão rigoroso (...) que se alagou a cidade toda, e subiu a água a parte donde jamais chegou. Afogou-se alguma gente, e

morreu muita de fome.

Mercúrio Português de Novembro de 1663

Em 22 deste mês, sendo Sua Majestade informado da necessidade que padecem as crianças que nesta cidade de Lisboa se enjeitam por não haver cabedal bastante para seu sustento e paga das amas que as criam (...), foi servido de fazer mercê de três mil cruzados de renda cada ano (...) para ajuda da criação dos ditos enjeitados (...).

» **Notabilidade – o insólito e a surpresa**

Os homens e as mulheres do século XVII viviam num mundo que lhes era, ainda, significativamente desconhecido. Havia acontecimentos tidos então por surpreendentes que para essas pessoas, imersas numa cultura de credulidade e religião, só podiam ser explicados por recurso ao sobrenatural, já que outras alternativas de interpretação eram inexistentes no seu catálogo de explicações disponíveis. Eis alguns exemplos de notícias da *Gazeta* e do *Mercúrio*, algumas, certamente, inverídicas, seleccionadas pelo carácter insólito dos acontecimentos que estiveram na sua origem:

Gazeta de Fevereiro de 1642

Na cidade de Stuttgart, na Alemanha, no fim do ano passado, e princípio deste, foram vistos doze prodígios, a saber: o primeiro, que choveu duas vezes sangue na dita cidade, e seus contornos. 2. Que a terra se estremeceu ali extraordinariamente. 3. Que todas as portas de seu Castelo se abriram por si mesmas. 4. Que o sino do Castelo tocou por si mesmo. 5. Que no mesmo lugar foi ouvido um ruído e um estrondo tão espantoso que, temendo o duque e sua corte que se queria de todo arruinar, quiseram mudar-se a Kirkenheim. O 6, que dentro da câmara do duque foi ouvido um uivo espantosíssimo, sem se saber a causa dele. 7. Que querendo o duque fazer viagem, jamais os cavalos puderam passar avante, nem tornar atrás, e que apareceram no ar dois homens, um com uma foice, e outro com um alfange nas mãos, o primeiro como quem andava cegando, e o segundo jogando com o dito trançado, à direita, e à esquerda. 9. Que o céu se abriu, e apareceu por muito tempo aceso em fogo. 10. Que um cão negro (cuja vista foi sempre funesta aos duques desta casa) apareceu e desapareceu logo. 11. Que foi ouvido um trovão grandíssimo,

estando antes o ar muito claro e sereno, de que todos ficaram com grande admiração. 12. Que uma candeia se acendeu por si mesma na capela dos paços do mesmo duque. Os sucessos farão ver a verdade ou, para melhor dizer, vaidade destes agouros.

Mercúrio Português de Agosto de 1663

A estas (...) se juntaram este mês novas esperanças de Deus nos continuar seu favor divino, com o que se escreveu de Braga, que pela intercessão do seu grande arcebispo D. Lourenço da Lourinhã fizera o Senhor algumas maravilhas, entre as quais foi que dia de São Lourenço, 10 deste mês de Agosto, foram duas mulheres cegas pedir-lhe vista, e logo a alcançaram (...).

» **Conflito**

O conflito e a controvérsia dizem respeito à “violência física ou simbólica” (Traquina, 2002, p. 192). “A presença da violência física fornece mais noticiabilidade e ilustra (...) como os critérios de noticiabilidade muitas vezes exemplificam a importância da quebra do normal” (Traquina, 2002, p. 192). Numa época de guerra (incluindo a da Restauração da Independência), as notícias mais veiculadas na *Gazeta* e no *Mercúrio* foram, sem dúvida, as notícias sobre guerras ou conflitos (Sousa, coord., et al., 2011, pp. 316-324; Sousa e Lima, 2011). Eis dois exemplos entre muitos que se poderiam dar:

Gazeta de Dezembro de 1641

Nas fronteiras de Trás-os-Montes entraram algumas tropas de cavalaria castelhana, e muitas de mosqueteiros. Iam marchando sem que lhes escapasse caminhante, ou pastor, que não rendesse gado, em que não fizessem presa, nem lugar que não saqueassem. Inquietaram-se todas as terras circunvizinhas, até que chegou o clamor às nossas praças de armas, e de improviso se juntaram companhias de várias partes, e foram buscar os inimigos, e deram neles junto ao lugar da Bemposta. Houve uma pendência muito renhida de parte a parte; mas os castelhanos, depois de lhes custar a batalha grande número de vidas, deixaram a presa e se retiraram com muita descomposição.

Mercúrio Português de Janeiro de 1664

Enfim (...) chegaram alguns infantes que Afonso Furtado de Mendonça (...) havia mandado em seguimento da cavalaria, e ele se pôs em marcha com o resto (...), tanto que (...) deu a primeira carga. Logo o inimigo se pôs em retirada, deixando-nos (...) o campo e nele muitos mortos e feridos (...).

» **Infracção de normas**

“Por infracção refere-se, sobretudo, a (...) transgressão das regras”, explicita Traquina (2002, p. 193) ao chamar a atenção para a constância das notícias de crime nos jornais. Efectivamente, notícias sobre transgressões às regras eram comuns nos jornais portugueses do século XVII. Elas contribuíam, ao exporem as infracções às regras, para definir socialmente o que não podia ser aceite, isto é, o desvio:

Gazeta de Julho de 1642

Entre as pedreiras de Alcântara se acharam dois homens falsificando o cunho da moeda. Ambos foram condenados na pena da lei. Um deles padeceu no mesmo dia, em que el-rei nosso senhor veio de Alcântara: o outro, por ver se podia embaraçar a execução, ou pelo menos dilatá-la, confessou que havia cometido o crime de heresia. Foi remetido ao tribunal do Santo Ofício e daí a doze dias tornou para a cadeia pública, de onde saiu a padecer a mesma morte que o primeiro.

Mercúrio Português de Fevereiro de 1665

No Alentejo foram enforcados neste mês dois ou três portugueses que se haviam passado para Castela (...).

Conclusão

O objectivo deste trabalho foi contribuir para aclarar as razões pelas quais os periódicos seiscentistas portugueses deram espaço a notícias sobre determinados acontecimentos e não a outras. Por outras palavras, procurou responder-se à questão: por que falaram os jornais que introduziram a prática do jornalismo periódico em Portugal daquilo de falaram e não de outros assuntos? Para o efeito, recorreu-se à teorização da noticiabilidade, conforme exposta por Nelson Traquina (2002, pp.

171-208).

Pode concluir-se, face aos dados recolhidos, que não se encontram nesses jornais muitas variações temáticas em relação ao que certamente se encontraria em jornais contemporâneos, pois as qualidades que dão valor noticioso aos factos (os valores-notícia ou critérios de noticiabilidade) são historicamente estáveis, conforme já Mitchell Stephens (1988, pp. 33-35) e Nelson Traquina (2002, p. 276) tinham notado. Grosso modo, foi notícia aquilo que ainda hoje é notícia. Privilegiou-se, nesses periódicos, a morte, o conflito, as notícias referentes a personalidades de elite, o insólito, a proximidade, a actualidade – embora o horizonte de actualidade fosse diferente do actual. Ontem, como hoje, são critérios como esses que decidem quais os assuntos e acontecimentos seleccionados como notícia. Apesar de o jornalismo ter passado por várias fases históricas, os assuntos abordados mantiveram-se estáveis.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre (1997). *Sobre a Televisão*. Oeiras: Celta Editora.

BRAJOS GARRIDO, Alfonso (1999). De los antecedentes a la conquista de la libertad de expresión. In: GÓMEZ MOMPART, Josep L. e MARÍN OTTO, Enric (Eds.): *Historia del Periodismo Universal*. Madrid: Síntesis, pp. 13-48.

CUNHA, Alfredo da (1941). *Elementos para a História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

DIAS, Eurico Gomes (2006). *Gazetas da Restauração [1641-1648]: Uma Revisão das Estratégias Diplomático-Militares Portuguesas (Edição Transcrita)*. Lisboa: Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

DIAS, Eurico Gomes (2010). *Olhares sobre o Mercúrio Português [1663-1667]*. 2 volumes. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

DIAS, Eurico Gomes (2010). *Olhares sobre o Mercúrio Português*

[1663-1667]. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

ERICSON, Richard V.; BARANEK, Patricia M. e CHAN, Janet (1987). *Visualizing Deviance: A Study of News Organization*. Toronto: University of Toronto Press.

FANG, Irving (1997): *A History of Mass Communication. Six Information Revolutions*. Boston: Focal Press.

GALTUNG, Johan e RUGE, Mari Holmboe (1965). The structure of foreign news. The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four norwegian newspapers. *Journal of International Peace Research*, vol. 2, n.º 1, pp. 64-90.

GROTH, Otto (1960). *Die Unerkannte Kulturmacht : Grundlegung der Zeitungswissenschaft*. 6 volumes + 1 inacabado. Berlin: Walter de Gruyter.

GUILLAMET, Jaume (2004). De las gacetas del siglo XVII a la libertad de imprenta del XIX. In: BARRERA, Carlos (coord.). *Historia del Periodismo Universal*. Barcelona: Ariel, pp. 43-76.

MATTOS, Gastão de Melo de (1941). O sentido da crise política de 1667. In: AA. VV. *Anais da Academia Portuguesa de História – Ciclo da Restauração de Portugal*. Vol. VIII. Lisboa: Academia Portuguesa de História.

SOUSA, Jorge Pedro (Coord.); CASTELO-BRANCO, Maria do Carmo; PINTO, Mário; TUNA, Sandra; SILVA, Gabriel; BORBA, Eduardo Zilles; DUARTE, Carlos; DELICATO, Mônica; SILVA, Nair e TEIXEIRA, Patrícia (2011). *A Gazeta “da Restauração”, Primeiro Periódico Português: Uma Análise do Discurso*. Covilhã: Livros LabCom/Universidade da Beira Interior.

SOUSA, Jorge Pedro (Coord.); PINTO, Mário; SILVA, Gabriel; SILVA, Nair; DELICATO, Mônica (2007). *As Relações de Manuel Severim de Faria e a Génese do Jornalismo Lusófono*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

SOUSA, Jorge Pedro e LIMA, Maria Érica (2011). Propaganda e informação no Mercúrio Português (1663-1667): Representações discursivas do poder régio e do governo de Castelo Melhor. Comunicação inédita apresentada ao IX LUSOCOM – Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação (evento científico arbitrado). Universidade Paulista, São Paulo, Brasil.

STEPHENS, Mitchell (1988). A History of News. From the Drum to the Satellite. New York: Penguin Books.

TENGARRINHA, José (1989). História da Imprensa Periódica Portuguesa. 2ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho.

TRAQUINA, Nelson (2002). O que é Jornalismo. Lisboa: Quimera Editores.

WOLF, Mauro (1987). Teorias da Comunicação. Lisboa: Editorial Presença.

